



O Gaiato

16 de MAIO de 1970
ANO XXVII — N.º 683 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

CANTINHO DA FAMÍLIA

Volto ainda às duas definições de que partiu o nosso Bispo de Coimbra, ao falar-nos na inauguração do nosso Lar: Deus é Pai; Deus é Amor.

Se Deus é Amor, amar é o Seu acto, a Sua vida. E é também para nós, todo o Seu Mandamento. Quer dizer: a Sua vontade é que construamos em nós verdadeira semelhança d'Ele. A técnica da construção chama-se amar. O termo da obra constituir-nos-á imagem do Amor.

Não é pois, tarefa fácil, amar — amarmos uns aos outros como Cristo nos amou. Se o amor autêntico tem por padrão, o amor de Cristo por nós, ele é verdadeiramente uma realização divina, de que os homens são incapazes por si-mesmos.

Para nós, fácil é o amor do que lisongea os nossos sentidos. O simpático, o inteligente, o virtuoso, o que corresponde — conduzem-nos por caminhos breves a uma satisfação em que o amor por eles corre o risco de confundir-se com o amor-próprio.

Cristo veio por causa dos pecadores, como «o médico é para os doentes». Na mesma linha, Pai Américo deixou-nos avisados: «A Obra da Rua é o amparo da criança abandonada. Ela prefere os mais repelentes. Os mais difíceis. Os mais viciosos. A Obra nasceu com este espírito e assim tem de continuar, para ser através dos tempos uma palavra nova. Que ninguém jamais

Continua na TERCEIRA página



Graças a Deus pela festa da inauguração da Casa para nosso Lar do Gaiato de Coimbra. Graças a Deus. Foi tudo tão simples, tão carinhoso, tão familiar e tão bom, que tive a impressão de ser um dos nossos dias mais felizes.

Os amigos de sempre e de todas as horas confirmaram a

sua amizade. A volta do Altar, onde os Bispos da diocese e os Padres da Rua concelebraram, juntou-se multidão. Depois da refeição da Palavra do Senhor e da Sua Eucaristia, abriu-se a nossa sala repleta de «mesas cheias de coisas boas» que uma peregrinação anónima transportou durante três dias. No fim de tudo os nossos mais pequeninos premiaram todos os presentes com três números do reportório das suas festas.

O dia 12 de Abril foi um dia muito feliz que o Senhor nos fez. Graças também a todos os que ajudaram a fazer este dia.

x x x

Andamos em romaria pelo Centro. Romaria de festas. Os Rapazes puseram um grande dístico na frente da camioneta: — «Os Gaiatos em romaria».

Romaria de amor. Queremos levar e trazer amor. Queremos mostrar ao mundo como todos seríamos felizes, se nos amássemos. Temos dado e temos recebido.

Coimbra, Figueira, Leiria, Tomar, Cantanhede, Castelo Branco, Fundão, Covilhã, Pombal e Lousã foram ainda além

Continua na TERCEIRA página

UM CASO

«Esta tem por fim o seguinte:

Há uma casa desabitada na rua X — Porto.

Como eu andasse a procurar uma casa para uma pessoa de família, quis a sorte de lá parar, onde encontrei um jornal do «Gaiato» que ali tinha sido botado. Poucas horas depois veio cá uma mulher saber se havia algum jornal e eu respondi que não. Sabe porquê? Vi na direcção do dito, o nome do antigo inquilino da casa...

Tenho a informar o amigo, que este assinante faleceu há já, pouco mais ou menos, 3 anos.

Ficou a viúva que também faleceu em Setembro do ano passado e, portanto, supuz logo que uma sobrinha dos mesmos recebia o jornal de borla.

Então resolvi avisar o meu amigo para que proceda da maneira que julgar necessária.»

Compulsámos o ficheiro. E era assim mesmo. Não havia notícias registadas do referido Assinante (que Deus haja) desde 1964!

Com certeza temos mais casos idênticos entre os trinta mil Assinantes do «Famoso»!...

Houvesse, porém, quem se doesse, como o nosso correspondente — velho Amigo tripeiro — e os estragos seriam em menor número. Não é verdade?

Júlio Mendes



Mais um quadro vivo das nossas Festas — os Batatinhas. E um tudo nada perturbados! Ora senão... Era a estreia: a grande noite de 5 de Março — no Coliseu do Porto.

Até que tenhamos prontas as primeiras casas da nossa Aldeia, de modo a podermos receber mais rapazes, torna-se um tormento repetir a mesma negativa a quem nos aborda com algum caso, a que é necessário deitar a mão. E não escondemos que sentimos verdadeira tristeza saber que na Casa de Samuel e Adelaide não são capazes de deter a avalanche e já passaram de sessenta crianças, em condições que só um coração grande como o deles é capaz de evitar ou contornar grandes males e provocar a Deus autênticos milagres.

Ainda ontem bateram à nossa porta com mais um e há quem telefone todos os meses, na esperança de arranjar lugar para mais. A nossa atitude é imperturbável, pois não podemos pretender resolver todos os casos.

Lourenço Marques

Cada vez é menos chocante saber de pais que abandonam lares e de maridos que trocam a esposa como quem ou quando troca de carro. O naturalismo, que reduz todas as atitudes do homem a meros fenómenos fisiológicos e psicológicos, libertou-o da consciência de pecado e de culpa. E o pecado é uma desordem que se projecta para fora de nós e na ordem natural não tem remissão adequada, mas apenas sobrenatural. E é precisamente no sobrenatural que menos se atenta hoje.

Ora, por isso, a Casa do Gaiato não pode deixar de ser um dedo apontado

contra os pecados sociais e não pode deixar de ser, também, um lugar de confissão de pecados e remissão de culpas. Mas até hoje só ouvi uma pessoa declarar de viva voz: «Eu venho aqui para dar uma lavagem à minha alma».

Não ignoramos que a sociedade de hoje precisa de nós, tanto como de nós precisamos as crianças por ela abandonadas. Para mais depressa atendermos estas é pois necessário que aquela se aproxime.

Padre José Maria



VISTAS DE DENTRO

Postal para o Céu

Que outras mais de dentro do que as que mostra «A Voz dos Novos», esse jornal de «circulação restrita aos Gaiatos espalhados pelo Mundo», jornal deles, para eles, todo e só por eles, de que tu, Leitor, já deves ter ouvido falar, mas que não conheces?!

Pois não resisto e ninguém ficará de mal comigo por haver cedido à tentação: As «Vistas» de hoje são o que se vê na primeira página de «A Voz dos Novos» de Abril de 1970:

MANHÃ de sol. Passo pelo terreiro do hospital: dois pequenos de vassoura na mão varrem. Brazinha e Amândio brincam, cortando as águas do lago com paus. Os da rouparia vêm dos lados do campo da bola com trouxas de roupa à cabeça. O Cenoura refila com o Bombeiro:

— ...Mas foste tu que mos tiraste.

— Não fui, não; pergunta à menina Bernardete.

— Então, e por que é que os botões já lá não estão?

— Sei lá, vens perguntar isso a mim...? Ainda cheguei agora mesmo... Tu tens mas é a mania de pegar sempre comigo... mas qualquer dia vais ver...

— Vou ver o quê... Pensas lá que tenho medo de ti? Coltado!...

Nisto aparece a senhora e tudo fica em águas lavadas.

Os pequenos continuam sua faina. Olho-os. Só agora repararam que estou e deixam de cantar «a mulher da gente».



NA Casa-mãe, mais vida. A máquina descasca batatas para o almoço de hoje. Pergunto o que é o conduto: Batatas assadas no forno. Eia! E eu que gosto tanto! Não digo mais nada. Tomo o pequeno almoço e corro os corredores. Gosto de dar uma volta pelos refatórios e demais aposentos comuns, porque sei de antemão que não raras vezes, em vez de andarem ocupados nos seus serviços, os rapazes da Casa-mãe passam parte do tempo na grande borga e a senhora não pode estar sem-

pre com eles. Por isso o faço. E eis, dá certo: no refatório dos pequenos, Truta faz guerra contra o Zé Padeiro (este do refatório dos médios); escovas e serapilheiras pelo ar... e a limpeza por fazer. Mal me vêem, tentam disfarçar... Os malandrecos!...

A senhora Maria está arreliada. Diz que o Espinho é sorna... De facto não o vejo na cozinha. Saio ao pátio e reparo que é verdade o que ela diz: Espinho está muito ocupado, muito ocupado mesmo: O Varatojo já deu setenta e cinco toques na bola enquanto ele só deu cinquenta e sete... Uma diferença enorme! O Espinho está muito ocupado!

— Ó Espinho — grita a sra. Maria — olha que o almoço está atrasado!

— Eu vou já. — E diz a mela voz: — Carago, não me deixam descansar um bocadinho!

Ó Varatojo, guarda a bola e daqui a um bocadinho continuamos, está bem?...
Volto ao refatório, tomo os dois pares de calças e sigo...

Stiles, sentado com umas calças em mãos, vai acompanhando, agulha que vai agulha que vem, a canção que ele entoava. Faisca não está: Foi fazer limpeza à retrete. Manuel Songa vem ao meu encontro, toma as calças que tenho entre braços e diz:

— É tua, é tua.
— O que é que é minha?
— «O anete canine».

— Queres estas — e aponto umas calças de tropa.

— Óh não quê; é tua, é tua. Dei-lhe razão. Também eu as não quero, mas tenho que as querer...

Entra o Faisca. Barulho — ele é o rei do barulho. Pergunto-lhe se já foi aos grilos. Que não! E mete o esfregão no balde e quebra:

— Já tenho barba na cara e ainda faço limpeza à retrete.

Não achas que já é tempo de deixar estas coisas?

— O quê? — Protesta o Manuel Claro — tu ainda tens boa idade para essas coisas.

— Tenho, tenho! tu vais ver se não vou deixar de fazer limpeza...

E calam-se.

Manuel Songa apanha botões, do chão. O Fidalgo pisalhe a mão. Oh! raio! O Songa levanta-se exaltado e empurra o Fidalgo. Este, pergunta:

— Que foi?

— «Ca-que-lu...»

E acalma-se. Tudo volta ao sossego. E deixo a alfaiataria, entro na Tipografia e tomo um papel para revelar estes mal traçados contactos.

Santos Silva



Depois de tanto tempo em silêncio, à espera que o novo Código Civil nos fizesse calar de vez, tornamos a bater-te à porta por via da fome que sofremos.

Foi uma carta carimbada em Lisboa que acordou esta aparente sonolência. Um ideal igual ao nosso, uma bandeira içada em defesa dos oprimidos e dos deserdados da Verdade e da Justiça. Que bom haver estas bandeiras!

Por vezes os códigos metem-se com grandes problemas que eles próprios constroem por fecharem os olhos à norma porque devem ser guiadas as leis.

Verdade e Justiça duas palavras para serem sentidas e medidas dentro de cada um, para fundir o Amor pelos outros — esta a norma para fazer leis. Se é preciso que entremos dentro da água para aprender a nadar, parece-nos que teoria só não basta para fazer as leis. É preciso conhecimento e vivência da vida que as leis pretendem regular.

Vem esta nota a propósito do recorte dum jornal diário de Lisboa, que alguém nos mandou. Aqui está e não é preciso dizer mais nada:

«PAIS ILEGÍTIMOS — PARA QUANDO A CHAMADA A RESPONSABILIDADE?»

Mais um caso de mãe solteira que abandona o fruto do seu «pecado». Desta feita no Barreiro. Os jornais relataram o caso com maior ou menor abundância de pormenores. A opinião pública indigna-se com a mãe desnaturada. Correm boatos sobre a identidade do pai. Os tribunais irão pronunciar-se e, provavelmente, atendendo às circunstâncias pronunciarão uma sentença moderada, porventura suspensa, para que a mãe solteira, arrependida, possa criar o filho.

E todos nos deitaremos com

Filhos de pai incógnito

a consciência sossegada do dever cumprido: a «Justiça» foi cumprida, sem excessos de severidade.

Mas o problema subsiste. Não adianta discutir mais, se há filhos ilegítimos, ou se são os pais que são ilegítimos. Acabaremos em bizantinices, ainda que, realmente, o ferrete da ilegitimidade afecte a parte inocente: o filho.

A relação subsistente é um facto. Filho ou pai, é-se ou não. A ilegitimidade, de um ponto de vista especulativo, afectará actos. Não se vê bem como é que uma «relação», no seu conceito real de «existir para», pode ser legítima ou ilegítima. Os actos que estabelecem a relação, ou a mantêm, poderão ser ilegítimos; a «relação», insiste-se, existe ou não existe; não é afectada de co-notação moral.

Ora bem. Parece-nos que a lei deve, em primeiro lugar, estabelecer os factos para depois regulamentar os actos deles decorrentes ou que a eles conduzem.

No caso em questão: Para quando as disposições que conduzam à investigação obrigatória de paternidade (legítima ou ilegítima seja ela?) mas de paternidade real, sempre que seja o caso, para lá da legalmente pesuntiva?!

Porque classificar e condenar de desnaturada a mãe que, desesperada, às vezes, abandona um filho que não pode criar em condições humanas e cobrir com o véu piedoso ou glorioso da fraqueza dos homens ou do donjuanismo fácil a outra parte?

É direito natural, o de um filho conhecer os seus progenitores e é dever natural dos genitores levarem a cabo a tarefa iniciada: quem gera um filho, como pai ou como mãe, tem que acompanhar até ao fim, e na medida das suas capacidades e recursos, a obra começada. Quem gera um filho tem que o ajudar a ser um homem ou mulher. Não se enxerga a razão pela qual a mulher deverá ter maior quota de responsabilidade numa tarefa em que o homem é tão indispensável como ela.

E parece tanto mais estranho, quanto a nossa civilização é de raízes patriarcais e o homem é considerado chefe, estando a mulher, iguais que sejam os direitos e deveres consignados na lei, sujeita à autoridade e prestígio masculinos.

Sabam os homens — que de facto são os que mais autoridade têm na nossa sociedade — assumir perante as mulheres a responsabilidade dos seus actos.

J. P.»

Sim senhor. Não há filhos

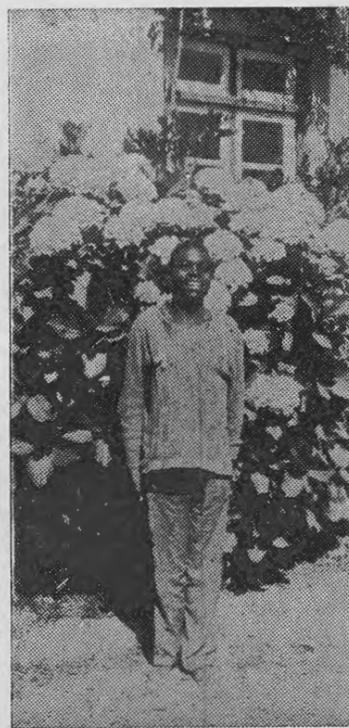
ilegítimos. Toda a ilegitimidade provém da inconsciência dos pais. Pois se os pais não têm consciência, que haja uma lei que a tenha e que a faça ter aos que «fabricam filhos». É duro dizer assim, mas não temos termo mais correcto para designar a ideia daqueles filhos sem nome, sem lei e sem protecção de ninguém.

A mãe «desnaturada» é-o em geral, por via do amor que lhe prometeram e depois lhe roubaram.

Eu não sei quem é a mãe em questão, nem o pai que se escondeu. Sei, que só o desespero pode levar uma mulher a abandonar o filho que lhe nasceu. Pelo seu acto ela vai ao tribunal. Vai sôzinha. E o outro culpado, onde está?

«E todos nos deitaremos com a consciência do dever cumprido?» Não podemos dormir.

Ernesto Pinto



Aqui está o Manuel Songa.



Cont. da PRIMEIRA página

do ano passado. Ficámos presos uns aos outros. Despedimo-nos com lágrimas nos olhos e riso no coração: «Até ao ano, se Deus quiser».

Vamos continuar em romagem. Vamos conquistar mais terras. Umas chamaram por nós e outras chamámos nós por elas.

No dia 21, à noite, estaremos no Teatro de Anadia com os

Amigos da Bairrada que queiram ver-nos. Domingo, 24, à noite, será em Chão de Couce para as cinco vilas.

No dia 30, à noite, a cidade da Guarda vai guardar-nos um cantinho muito quente no coração de cada um.

Domingo, 31, à noite, Seia abrirá o salão da Fisel para se encontrar connosco. Em Seia estarão os Amigos das terras vizinhas.

Padre Horácio

Os nossos leitores hão-de estar admirados da falta de notícias! Desta vez não foi culpa do Júlio, que às vezes luta com dificuldade de espaço, mas sim da lembrança que Deus teve de me escolher para me mandar uma das Suas graças. Estou doente desde 17 de Fevereiro, e as melhoras vão muito lentas. Durante muito tempo fiquei impossibilitada de fazer ou dirigir qualquer trabalho. Agora, graças a Deus, já vou tomando contacto com tudo, embora com muito cuidado. Mas todo o meu interesse é ter trabalho para esta gente, por quem me sacrifico até ao limite das minhas forças. Não se esqueçam, pois, de nos ajudar com suas encomendas, e donativos.

O interesse em compor a casa da tecedeira continua na minha mente. Pouco recebi para este fim, e já fiz o apelo no último número de Janeiro. Eu



sou apenas uma recoveira dos Pobres, como dizia o nosso Pai Américo. Confio, pois, na generosidade dos vossos corações. Deus recompensa a quem faz bem, disso tenham a certeza!

A nossa direcção, para os que ainda não a sabem: Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares — Douro. Telefone, 95142.

Maria Augusta

CANTINHO da FAMILIA

Continuação da PRIMEIRA página

deturpe. No dia em que, por desgraça, se viesse a receber a criança com dote por uma que o não tem; se viesse a tomar a criança bem comportada por uma que o não é — nesse dia entrava a maldição de Deus no seio da Obra. Era a sua decadência.»

Quando escreveu estas linhas não existia o «Calvário». Hoje sabemos como esta predilecção é ali ainda mais repugnante às tendências da carne e do sangue.

Quem, pois, pode presumir capacidade para amar estes Rapazes e Doentes, se Cristo não estiver connosco, se não fôr o Seu Coração a bater no nosso pequeno coração, à medida vulgar de qualquer coração humano?!

Esta indignação é, por isso mesmo, um serviço superior à própria assistência prestada ao milhar de Rapazes e Doentes que vivem sob os nossos tectos. É que ela proporciona aos que nos vêem com olhos de ver uma evidência maior do que é comum, da presença de Jesus entre os homens que n'Ele crêem e à ordem d'Ele se dispõem a amar sem condições. Por quantos milhares se contarão estes, que assim beneficiam realmente da Obra, como aliás

tantos testemunham, tantos que materialmente nada precisam de nós, antes nos são sustentáculo?!

Nem outra explicação justifica o poder atractivo da Obra, a sua eficácia medicinal para tantas angústias, que não só a falta de pão ou de casa, senão esta: Jesus está no meio de nós. É Ele o Sedutor, a «Pedra fundamental», a Bandeira içada a anunciar por meio de nós que aqui é «Casa Sua e porta do Céu» e que «não há outro Nome dado aos homens no qual haja salvação».

Também neste ponto nós temos que entender que «a nossa riqueza é a nossa Pobreza». Penso, mesmo, que sobretudo neste ponto. A pobreza de meios humanos, a banalidade que cada um reconhece em si, a impreparação, o desgaste — tudo é redimido e fecundado pela certeza de que Ele está connosco; e pela nossa entrega à Sua vontade de Se servir de nós (sabemos lá porquê...) para a distribuição do Seu amor aos mais abandonados, aos mais difíceis, que desfalecem pelo caminho justamente à minguada de amor.

Esta é a nossa vocação. «Que ninguém jamais deturpe».



OBRA DE RAPAZES PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Campanha de assinaturas

Que não fosse mais. Servisse para despertar um só coração adormecido ou aparentemente inerte. E valia a pena reeditar a «Campanha».

Mas, não há dúvida, repetimos, são ressonâncias em cadadupa. Verdadeira explosão de almas que vibram. Inquietas. E a inquietar outros e outros e outros. Bendita inquietação!

● MENSAGEM DE SOLIDARIEDADE

De Aveiro, segue um caminho da vanguarda. Ora ouçam:

«Meus bons amigos: Parece-me que, há já algum tempo, não tenho pago o vosso «Gaiato»; mas podem crer que é raro deixar de o ler. A mensagem de solidariedade humana e amor pelos nossos irmãos mais desprotegidos que nele me chega de 15 em 15 dias, há cerca de 14 anos, tem-me auxiliado imenso na caminhada da vida e vai-me apontando o caminho nas relações humanas que o exercício da minha profissão me proporciona.

«O que aqui mando (1.000\$) é pouco para o muito que lhe devo. Junto também uma lista de três novos assinantes. São poucos, mas creio que são bons. Foram bem escolhidos. Acredito que vão ficar também apaixonados.

«Até à próxima vez, que tentarei seja breve. Saúdo-vos com muita amizade. Assinante n.º 15257.»

● LEGENDAS SABOROSAS

E a torrente de legendas saborosas?! Olhem para Oeiras:

«Aí vão mais três assinantes. Espero que o vosso Jornal lhes traga muita ajuda e muita luz.»

E Lisboa:

«Tendo enviado «O Gaiato» para pessoa amiga e convidando-a a ser assinante, esta escreve-me, aceita com alegria o convite e inscreve-se com 200\$ anuais. Peço para ela as vossas orações. No entanto, diz que se considera assinante e que o faz com sinceridade e isto alegra-me. Louvado seja Deus! Sempre vosso — assinante 22265.»

Mais uma de Seia:

«É com satisfação que vos envio estes novos assinantes (5) que já não fiz há mais tempo, sempre à espera de angariar muitos mais. Vou fazer esforço para conseguir mais. Se assim for escrevo mesmo fora da Campanha.

«De uma grande admiradora de «O Gaiato» — assinante n.º 29767.»

E outra vez Lisboa:

«Junto também a circular que recebi. Infelizmente, consegui até agora somente um assinante, mas de confiança e não dos que vos poderão dar

preocupações, e tornarem-se o tal peso morto.

«Muitos teria conseguido, mas a confiança neles seria pouca ou nenhuma.

«Lastimo, mas assim é, com toda a verdade e mágoa minha.

«E por agora não vos posso dizer mais nada.

«Desejo o melhor acolhimento e resultados da Campanha de Assinaturas e que os acatantes sejam dos fixos e que cumpram com o compromisso tomado. Major do silêncio.»

● NEM TUDO SÃO ROSAS...

Nem tudo são rosas pelos



Jójo e Brazinha. Foram das ruas, da lixeira. Eram trapos!... Agora, dois sorrisos, dois amores. Benjamins de Paço de Sousa.

«Podem crer que é com verdadeiro sacrifício que pago a assinatura, pois do meu pobre vencimento de 3.º oficial, deduzindo a renda da casa — 700\$00 mensais — luz, água e gaz, nunca me chega para o pão de cada dia. Oxalá a minha promoção não demore para me tirar um pouco desta miséria, e de ver que, apesar de Deus me ter dado três filhos excepcionalmente inteligentes — um deles tirou agora nas notas do 2.º período, 3 dezoitos e 3 dezasseis — não tenho qualquer possibilidade de os levar mais adiante do Liceu.

Em tudo creio na Divina Providência e confio que melhores tempos virão para todos nós.

CARTAS

Muito grato pela vossa teimosia em não me anularem a assinatura; um muito obrigado do assinante n.º 7.066.»

Fala-se hoje muito em democratização do Ensino.

Sempre haverá uns abenceragens que discordam, filiados numa aristocracia de berço que antigamente não cursava para ganhar a vida, «pois não lhe ficava bem», mas que geralmente muito evoluiu nos nossos tempos, graças a Deus. Ora será possível duvidar-se de quão a bem da nação não será proporcionar voo aos seus filhos que tenham asas?!

O grito deste pai — tão delicado, tão espontâneo, tão humilde — é uma encarnação de tantos outros que não chegam a soar, por falta de uma oportunidade, ou até porque muitos pais não atingirão a consciência da capacidade dos seus filhos.

arraiais da Campanha! Aqui está:

«Há muitos anos que assino «O Gaiato» e continuo a lê-lo com o mesmo interesse de sempre; não consigo, porém, transmitir aos outros o mesmo que sinto e não arranjo assinaturas como desejaria.

«Os meus irmãos e conhecidos já são assinantes. E os que abordei no meu meio de trabalho, decepcionaram-me. Falei a várias pessoas responsáveis (enfermeiras e assistentes sociais) e disseram-me que não estavam interessadas. Houve até uma enfermeira que me respondeu e me entristeceu com um diminutivo irónico, sobre o maior jornal que conheço, que nem lhe respondi.

«Eis porque só agora envio a nova assinante que iniciou a minha Campanha, já há meses. Quase me sinto envergonhada por «eles»... pelo seu desinteresse... mas consolo-me com o bom acolhimento que a Campanha vai obtendo, por intermédio de assinantes mais afortunados do que eu. Oxalá que ao menos esta seja uma assinante «consciente». Desculpe o desabafo. Assinante 21180.»

● REJUVENESCIMENTO SALUTAR

Pelas contas do Avelino já ultrapassámos 1.300 novas inscrições. Bem bom! É uma renovação e um rejuvenescimento salutar. Fruto amadurecido do interesse vivo, e crescente, dos 50.000 leitores do «Famoso».

● EM FOCO: RIO MAIOR E PALMELA

Por exemplo, ainda agora me passou pelos olhos uma pesada série de caras novas de Rio Maior! Anda por lá um apaixonado (ou apaixonada) a fazer barulho. Pois que não desanime. E vá até ao fim. Na minha frente, também,

outra coluna de gente fresca, pela mão de uma assinante de Palmela. Uma dúzia!

● ULTRAMAR

Não cruzam os braços, os mais afoitos do Ultramar! E andam prá frente. Que estupenda presença de Moçamedes — conduzida pelo assinante 28705, de Benguela! Eram poucos, não há dúvida — muito poucos mesmo — os nossos leitores em Moçamedes. Agora, não. E não-de ser mais. Os que ora recebem o «Famoso», pela primeira vez, poderão abrir caminho a outros. Assim queiram. E se disponham a amar, como outros amaram — e amam — a santa causa do «Famoso».

De Benguela, pròpriamente dita, houve ainda mais presenças vivas e activas. Vivam as «Areias do Cavaco»!

Moçambique permanece com a mesma temperatura. Registamos magnífico trabalho em Nacala e Lourenço Marques. A Beira está muito adormecida! Que é feito dos nossos amigos da Beira?!

● METRÓPOLE

Os nossos olhos pecadores rejubilam com o colorido filme da grandiosa procissão metropolitana. Entre o que já se disse, temos mais testemunhos válidos — a faiscar! — tanto do Porto, Lisboa e Aveiro, como das seguintes cidades e vilas e aldeias de Portugal: Alvarães, Ovar, Maia, Sacavém, Olivais-Sul, Travanca (Mogadouro), Belazaima de Chão (Aguada de Cima), Elvas, Santarém, Monte Real, Fafe, Torres Novas, Mortágua, Serzedo, Gondomar, Vila Pouca do Campo (Taveiro), Guarda e mais e mais e mais!

Júlio Mendes

Visado pela
Comissão de Censura

racos». Seja para o que for, e que deve ser muito, sabemos que será óptimamente aplicado. Como gostam de lançar campanhas veja se esta nossa lhe agrada.

Por cada luxo, por exemplo, livros de arte, vestidos não indispensáveis, discos, etc. pagaremos uma «dízima» quer para o Gaiato, quer para outros irmãos que apareçam e que são infelizmente tantos. Peça a Deus que nos ajude a cumprir. Com a maior amizade...»

Que dizer desta lembrança que cheira a sugestão do Espírito Santo?

Revela uma consciência inquieta pelo sofrimento dos Irmãos e a incapacidade de gozo do que um alto padrão de vida proporciona sem que haja partilha de bens.

Para nós, verdadeiramente, não é revelação. Este casal, desde há muito o conhecemos com este espírito e nos habituámos à sua necessidade de comunhão na vida do Próximo. Mas como a «luz não é para esconder sob o alqueire»..., aqui vai.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE